

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 9, número 1 (2018)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## Psicologia e Heterotopias: Um Estudo sobre a Prostituição de Mulheres Adultas em um Município do Interior do Estado de Mato Grosso do Sul

*Psicología y Heterotopias: Un Estudio sobre la  
Prostitución de Mujeres Adultas en un Municipio  
del Interior del Estado de Mato Grosso do Sul*

*Psychology and Heterotopias: A Study on Adult  
Women Prostitution in a Municipality in the  
Interior of the State of Mato Grosso do Sul*

**Luciana Codognoto da Silva**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -  
Brasil  
lupsico.codognoto@gmail.com

**José Sterza Justo**

Universidade Estadual Paulista - Brasil  
sterzajusto@yahoo.com.br

**Wiliam Siqueira Peres**

Universidade Estadual Paulista - Brasil  
pereswiliam@gmail.com

Como citar este artigo:

SILVA, Luciana Codognoto; JUSTO, José Sterza;  
PERES, Wiliam Siqueira. Psicologia e Heterotopias:  
Um Estudo sobre a Prostituição de Mulheres Adultas  
em um Município do Interior do Estado de Mato  
Grosso do Sul. **Revista Latino Americana de  
Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 72-87, 2018. ISSN  
2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# Psicologia e Heterotopias: Um Estudo sobre a Prostituição de Mulheres Adultas em um Município do Interior do Estado de Mato Grosso do Sul

*Psicología y Heterotopias: Un Estudio sobre la Prostitución de Mujeres Adultas en un Municipio del Interior del Estado de Mato Grosso do Sul*

*Psychology and Heterotopias: A Study on Adult Women Prostitution in a Municipality in the Interior of the State of Mato Grosso do Sul*

## Resumo

Nesta pesquisa, buscamos discutir o conceito foucaultiano de heterotopia e sua relação com a prostituição feminina adulta em um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul - MS. Recorremos à abordagem qualitativa de pesquisa em Psicologia e aos aportes teóricos de Michel Foucault e dos Estudos Culturais. A cartografia nos auxiliou nas atividades de campo e na realização de entrevistas de longa duração com diferentes mulheres que atuavam em distintas espacialidades da prostituição da cidade, como bares, casas e ruas. Os resultados apontam a necessidade de novos estudos a serem concretizados pela Psicologia sobre a prostituição de mulheres adultas em pequenos centros urbanos e em cidades do interior do país.

Palavras-Chave: Espacialidades; Estudos em Psicologia; Prostituição Feminina Adulta.

## Resumen

En esta investigación, buscamos discutir el concepto foucaultiano de heterotopía y su relación con la prostitución femenina adulta en un municipio del interior del Estado de Mato Grosso do Sul - MS. Nos basamos en una aproximación cualitativa de investigación en Psicología y a los aportes teóricos de Michel Foucault y de los Estudios Culturales. La cartografía nos ayudó en las actividades de campo y en la realización de entrevistas de larga duración con diferentes mujeres que actuaban en distintas espacialidades de la prostitución de la ciudad, como bares, casas y calles. Los resultados apuntan a la necesidad de nuevos estudios en Psicología sobre la prostitución de mujeres adultas en pequeños centros urbanos y en ciudades del interior del país.

Palabras-Clave: Espacios; Estudios en Psicología; Prostitución Femenina Adulta.

## Abstract

In this research, we discuss Foucault's concept of heterotopia and its relations with adult female prostitution in a municipality in the interior of the State of Mato Grosso do Sul - MS. We used the qualitative research approach in Psychology and resorted to the theoretical contributions of Michel Foucault and of Cultural Studies. Cartography assisted us in the field activities and in the conduct of long-term interviews with different women who worked in different spaces of prostitution of the city, such as bars, brothels and streets. The results point out the need for further studies to be carried out by Psychology on the prostitution of adult women in small urban centers and cities in the interior of the country.

Keywords: Spatiality; Studies in Psychology; Adult Female Prostitution.

**Luciana Codognoto da Silva, José Sterza Justo, William Siqueira Peres**



## **Introdução**

Esta pesquisa está voltada ao estudo das heterotopias na prostituição, mais especificamente de mulheres que se prostituem, em um município de pequeno porte populacional, situado na região sudeste do Estado de Mato Grosso do Sul - MS. Trata-se de uma típica cidade interiorana, localizada nos limites físicos das divisas dos Estados de São Paulo e Paraná, contando com um número populacional de 50.010 mil habitantes (IBGE, 2014). Destaca-se pelos elevados índices de crescimento econômico e como importante polo de exportação pecuária para alguns países árabes e para a região Centro-Oeste do Brasil, além de apresentar um número significativo de locais voltados às relações de sexo por dinheiro, ainda pouco publicizados nos debates acadêmicos, principalmente da Psicologia.

Entendemos a prostituição de mulheres adultas como um movimento e/ou conjunto de forças culturais, econômicas, políticas, psicológicas e sociais que se entrecruzam em espaços e tempos determinados, tendo como finalidade principal a oferta de relações sexuais em troca de dinheiro. Na literatura científica, nos deparamos com uma infinidade de nomenclaturas para se referirem às mulheres na prostituição, desde “concubinas, meretrizes, damas da noite e acompanhantes” – que carregam significados mais afetuosos e menos sexuais – passando por “profissionais do sexo e trabalhadoras do sexo” – termos mais higienistas e de cunho comercial – até chegarmos às nomenclaturas “prostitutas e putas” – portadoras de um significado mais politizado, tendo como principal idealizadora de luta a famosa prostituta brasileira Gabriela Leite.

Estudos recentes evidenciam que, no Estado de Mato Grosso do Sul, o mercado do sexo tem apresentado um número significativo de mulheres adultas, principalmente em regiões de fronteiras e em rotas consideradas propícias ao narcotráfico, representadas pelas cidades de Corumbá e Ponta-Porã, respectivamente situadas nos limites dos países Brasil-Bolívia e Brasil-Paraguai. Ademais, municípios com importantes atrativos turísticos e pertencentes à região Pantaneira, dentre eles, Coxim e Bonito, têm se mostrado terrenos favoráveis para o estabelecimento e a disseminação do mercado sexual no Estado, conforme apontam as análises de Sanches (2007).

Municípios mais avançados em termos de industrialização e em número de habitantes – Três Lagoas, Campo Grande e Dourados – estão entre as principais cidades referenciadas pelas pesquisas acadêmicas no que se refere ao comércio sexual em Mato Grosso do Sul, conforme apontam os estudos de Sanches (2007) e Barbosa (2008). Trata-se, unanimemente, de pesquisas voltadas à prostituição feminina adulta em regiões de fronteiras, em instâncias turísticas e em grandes centros urbanos e que fazem referência às áreas da História, da Linguística, do Direito, da Saúde Pública e do Desenvolvimento Local e Regional, sendo evidenciado um número muito incipiente ou, até mesmo, a ausência de estudos produzidos sobre esta temática na área da Psicologia e/ou por pesquisadores/as com formação em Psicologia no Estado.

Partindo destes pressupostos, buscaremos abarcar as espacialidades e as heterotopias na prostituição de mulheres adultas em um pequeno centro urbano

a partir do método cartográfico e das leituras foucaultianas e dos Estudos Culturais. Entrevistamos 10 (dez) bio-mulheres – mulheres em termos biológicos, detentoras do órgão sexual feminino (PRECIADO, 2008) – que residiam e/ou trabalhavam no município referendado durante esta pesquisa. Para os intentos deste estudo, dividimos esta pesquisa em três seções. Em um primeiro momento, discutiremos o conceito foucaultiano de heterotopia e sua relação, muito próxima, com a prostituição feminina adulta. Em um segundo momento, apresentaremos o percurso metodológico da pesquisa, apontando as contribuições do método cartográfico, e, por fim, discorreremos sobre os resultados das cartografias, evidenciando as diferentes espacialidades da prostituição em nosso campo de investigação.

### **Heterotopias e Prostituição: Diferentes Espacialidades de Poder**

As leituras foucaultianas de Heterotopia – hetero = outro e topia = espaço – nos auxiliam no entendimento das relações estabelecidas entre as diversas espacialidades sociais e temporais, enquadradas em diferentes práticas e processos de subjetivação na prostituição. Trata-se de um conceito cuja origem remete ao campo de estudos da Geografia, sendo, posteriormente, elaborado por Michel Foucault (2013) para fazer referência aos lugares que atuavam em condições não hegemônicas ou, como bem afirmou o autor, como “espaços absolutamente outros”, “contraespaços” ou “espaços de alteridades”. Eles se apresentam em meio a múltiplas camadas de significação e complexidade, não podendo ser mapeados longe de variações e funcionalidades do tempo e da cultura.

Em um dos textos dedicados ao assunto, mais especificamente no capítulo intitulado de ‘Estética: literatura, pintura, música e cinema, que compõe o terceiro volume de *Ditos & Escritos*’, Michel Foucault definiu as heterotopias a partir da seguinte pressuposição:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra-posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (FOUCAULT, 2009, p. 415).

As Heterotopias surgem em oposição e forma de contestação das chamadas Utopias – lugares sem uma localização real, fora de todos os lugares. Em ‘O Corpo Utópico – as Heterotopias’, obra que reuniu duas conferências proferidas por Foucault, em 1966, para um grupo de arquitetos, e o posfácio de

Daniel Defert, intitulado ‘Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles’, transformados em livro somente no ano de 2013, Foucault retomou o conceito de heterotopia enquanto percepção do espaço e do tempo por onde as hegemonias se encontram e se perpetuam. Ao descrever sobre as heterotopias, o autor também discorreu sobre os seis princípios fundamentais para a formação e existência destes espaços de alteridades.

O primeiro princípio seria o caráter não universal das heterotopias. Apesar de todas as culturas e os agrupamentos humanos serem contextos importantes para o estabelecimento e a perpetuação de heterotopias, é preciso destacar que elas se apresentam de maneira diferenciada de um contexto social para o outro e não regidas por um sistema universal de culturas. De acordo com Foucault (2013), as heterotopias podem ser classificadas em duas principais categorias. A primeira seria as Heterotopias Biológicas de Crise – lugares sagrados e interditados, voltados às pessoas que não satisfazem as expectativas de uma determinada sociedade, como os adolescentes, os idosos e as mulheres grávidas – atribuindo-lhes outros espaços sociais.

Estas formas mais primitivas de heterotopias, datadas do século XIX, estariam cedendo lugares à segunda categoria, denominada de Heterotopias de Desvio. Para Foucault, tais heterotopias seriam: “[...] lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante ou relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22). Estes espaços – não mais de crise biológica, mas de desvios sociais – fazem referência às casas de repouso, aos asilos, às prisões, às clínicas psiquiátricas e poderíamos acrescentar ainda aos espaços outros da prostituição.

O segundo princípio destacado por Foucault (2013) diz respeito ao caráter histórico das heterotopias na sociedade. O terceiro princípio faz referência à justaposição das heterotopias, atribuindo-lhes, em um mesmo lugar, outros espaços distintos – uma espécie de bolha social, que isola e que hierarquiza espaços às pessoas que não condizem com as normas previamente estabelecidas. O quarto princípio vem destacar que as heterotopias estão ligadas a um recorte de tempo, que Foucault (2013) denominou de heterocronias – múltiplos espaços e tempos em um único espaço, ligados às transformações constantes do tempo, um tempo outro radical.

As heterotopias aludem a um sistema que, concomitantemente, se abre e se fecha, que acolhe e isola as pessoas em espaços circundantes, caracterizando, assim, o seu quinto princípio. Para Foucault (2013), nesses contraespaços não se têm acesso pelo próprio desejo. Ao contrário: ou a entrada é obrigatória, como a prisão, ou a pessoa deverá se submeter a rituais sagrados e de purificação, como os ritos religiosos. Enfim, estas heterotopias podem ser consagradas como também podem denotar sinais de exclusões. Já o sexto e último traço das heterotopias faz referência a sua função específica em uma dada sociedade, partindo de dois eixos antagônicos, a saber:

Ou como nas casas de tolerância de que Aragon falava, criando uma ilusão que denuncia todo o resto da realidade como ilusão, ou, ao contrário, criando outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso, tão

bem disposto quanto o nosso é desordenado, mal posto e desarranjado (FOUCAULT, 2013, p. 28).

Estes espaços de contestação das utopias apresentam funções diferentes e opostas de outras espacialidades sociais, segundo bem definiu Daniel Defert, no posfácio da obra ‘O Corpo Utópico – as Heterotopias (2013)’. Trata-se de novas formas de apresentação do espaço e do tempo, antes percebidos de maneira dissociada, vazia e homogênea. São possibilidades de desdobramentos e reinvenções das espacialidades, das temporalidades, das relações e das subjetivações. Nas palavras de Rago (2015), o tempo e o espaço, a partir das heterotopias, são, concomitantemente, fixos e móveis, além de serem carregados de fantasmas, desejos, relações e afetamentos. Eles pensam e problematizam o aqui e o agora. Por isso, eles inquietam e desestabilizam as estruturas hierarquizadas da sociedade.

Ao discorrer sobre as heterotopias, Foucault (2013) percorreu diferentes espaços, rompendo com a ideia única do tempo e da espacialidade, para assim pensá-los a partir das noções de multiplicidade e de olhares rizomáticos. Primeiramente, ele abordou as “heterotopias do espelho” – heterotopias que levam a pessoa para algum lugar que ela não está, deixando resplandecer uma imagem que também não é a dela – terminando as suas narrativas com as imagens do “mar/navio” – heterotopias por excelência, que culminaram no crescimento econômico da sociedade, por meio das grandes navegações, até chegar à esfera da imaginação, com a Nau dos Loucos, que mandou para longe os chamados indesejáveis da sociedade. Entre as heterotopias do espelho e as do mar/navio, Foucault também discorreu sobre os diversos espaços de alteridade, associando ao tempo – cemitério, bibliotecas e museus – e aos recortes espaciais – jardins, tapetes, cinema e teatro.

Assim funcionam as heterotopias: como espaços de oposição aos demais lugares normativos da sociedade. São contraespaços que passam a abrigar àquilo que Michel Foucault (2006) denominou de Discurso da Infâmia – o discurso indizível, o mais secreto, intolerável e descarado. Nesse sentido, podemos dizer que a prostituição se apresenta enquanto grande heterotopia, por abrigar as sexualidades escusas e desregradas. Este discurso de anonimato tende a ser ainda mais obscuro se entrelaçado a outras situações de dissidências, como as raças/cores e os lugares onde muitas dessas mulheres atuam – os bares, as casas e, principalmente as ruas – estas últimas percebidas como ambientes de maior abjeção e, portanto, de menor acesso a direitos e à cidadania.

### **Metodologia**

Em nosso estudo, recorreremos à abordagem qualitativa de pesquisa em Psicologia. A pesquisa qualitativa, segundo Gerhardt e Silveira (2009), se caracteriza pela não preocupação de uma representatividade numérica e pela não rigidez de um método específico e único de estudo. Ao contrário, ela visa o aprofundamento das discussões e problematizações a respeito da vida social, ao destacar que o desenvolvimento de uma pesquisa será sempre imprevisível. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa está voltada à realidade que não

pode ser quantificável, centrando-se no estudo das dinâmicas das relações sociais, nas discussões e nas análises dos fenômenos particulares e na valorização do processo enquanto etapa mais importante de uma pesquisa.

Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, utilizamos, como método, a cartografia. Por meio dela, foi possível elucidar os pontos obscuros que permeavam o nosso campo de investigação, nos auxiliando a pensar o percurso da pesquisa de maneira processual e heterogênea, a partir de dois importantes enfoques, como já salientado nas discussões propostas por Romagnoli (2009). O primeiro, ao atuar no âmbito metodológico – nos auxiliando a problematizar o percurso da pesquisa e o nosso trajeto metodológico enquanto produções constantes – e, o segundo, ao operar conceitualmente, através de novos olhares direcionados à prostituição feminina adulta em pequenos centros urbanos.

Inspirada nas ideias de Gilles Deleuze & Felix Guatarri (1995), a cartografia se caracteriza enquanto ‘estratégia de produção do conhecimento’ (SILVA, 2005), ‘método de pesquisa-intervenção utilizado em pesquisas de campo voltadas aos estudos das subjetividades’ (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009) e como ‘crítica ao modelo tradicional de conceber as pesquisas de campo em Psicologia’ (ZAMBENEDETTI & SILVA, 2011). Ademais, ela está voltada aos estudos das multiplicidades, relacionando-se com o que Deleuze & Guatarri (1995) denominaram de rizoma – um sistema conceitual aberto, que não tem começo e nem fim, que está sempre no meio, no intermezzo.

Daí a importância de pensarmos a cartografia enquanto contínua forma de fazer pesquisa, principalmente na Psicologia, uma vez que ela visa romper com os chamados equilíbrios estabelecidos e com as leituras monótonas da realidade, passando a operar nos movimentos, nas processualidades e no campo das experimentações. De acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 17), a cartografia se caracteriza enquanto traçados de planos de experiências. Para os autores: “Realizar uma reversão no sentido tradicional de método – não mais caminhar para alcançar metas pré-fixadas, mas o primado que o caminhar traça, no percurso, suas metas” – são tarefas importantes a serem realizadas pelo/a cartógrafo/a.

Quando pensamos nas questões que fazem referência à prostituição, observamos a cartografia como inegável contribuição para a nossa pesquisa, posto que ela não se apresenta dirigida para metas pré-fixadas, mas procura conceber as pessoas envolvidas na ação da pesquisa como heterogêneas e em movimentos contínuos, sempre passíveis de novos agenciamentos e transformações. Neste sentido, destacamos a realização de entrevistas de longa duração com 10 (dez) bio-mulheres adultas – mulheres em termos biológicos, detentoras do órgão sexual feminino desde o momento do nascimento (PRECIADO, 2008) – que residiam e/ou trabalhavam no município pesquisado.

Realizamos as entrevistas entre os meses de maio e dezembro do ano de 2014, sendo gravadas por meio de um gravador de áudio e transcritas para a posterior aprovação das entrevistadas, visando à publicação integral/parcial de seus relatos, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE. Estiveram respaldadas em um roteiro previamente elaborado por nós, abarcando mais do que perguntas, ou seja, o que

denominamos de eixos disparadores, possibilitando espaços para que nossas participantes pudessem falar em nome próprio.

As entrevistas foram realizadas individualmente e em locais indicados pelas participantes, de maneira que não ocasionasse nenhum tipo de desconforto ou prejuízo no âmbito do trabalho, da vida pessoal e da quebra de sigilo de quaisquer dados que as pudessem identificar. Tivemos a preocupação de entrevistar apenas com as bio-mulheres que estivessem diretamente ligadas à prostituição e que apresentassem distintas trajetórias de vida pessoal (presença ou ausência de relações afetivas e/ou conjugais estáveis, filhos/as, graus de escolaridades diferenciados) e profissional (provedoras, coprovedoras de família, não provedoras, que apresentassem ou não outros trabalhos remunerados concomitantemente à atividade sexual comercial, tempo variado de atuação na prostituição), de diferentes idades, raças/cores e classes sociais, residentes e/ou que trabalhassem em bairros considerados periféricos e pobres e de classe média e alta da cidade.

Por meio da cartografia, acompanhamos registros de importantes momentos vivenciados pelas participantes da pesquisa. A partir de seus consentimentos, observamos as relações que elas estabeleciam com suas famílias – filhos/as, companheiros/a e pais. No âmbito do trabalho profissional, mantivemos diálogos com as proprietárias dos espaços de prostituição por nós visitados. Nestes locais, tivemos proximidade e fizemos contato mais facilmente com as donas dos estabelecimentos oriundas do sexo feminino. Presenciamos, ainda, a visita de clientes durante o momento de realização de entrevistas, que, ora ficavam nos bares – batendo papo e consumindo bebidas individualmente ou no balcão com as mulheres –, ora se dirigiam para os cômodos dos fundos da residência, sempre grupos de homens acompanhados por um coletivo de mulheres da casa.

A análise dos dados coletados será contemplada mediante a análise do discurso, proposta por Michel Foucault, somando-se às contribuições teóricas elencadas pelos Estudos Culturais. Salientamos que os nomes citados durante esta pesquisa foram escolhidos pelas próprias participantes, a partir de uma lista apresentada a elas, constando apenas títulos e significados de pedras preciosas. Esta lista serviu para dar visibilidade aos preciosos discursos e à riqueza de histórias contadas por elas.

Por fim, optamos por não fazer referência direta ao nome do município onde ocorreu este estudo, de forma a não utilizarmos cartogramas relativos à prostituição local, uma vez que se trata de uma cidade interiorana, com uma população estimada de cinquenta mil habitantes (IBGE, 2014), dados relevantes que, se mencionados, poderiam colaborar para a identificação das entrevistadas e para a quebra do respaldo ético de nosso estudo.

### **O Centro e as Margens: Diferentes Espacialidades na Prostituição**

O nosso interesse pelas discussões sobre Heterotopias e Corpo Utópico, descritas por Foucault (2013), é justamente as Heterotopias do Desvio e sua relação, muito próxima, com a chamada prostituição. Estes aspectos nos possibilitam problematizar as diferentes espacialidades e temporalidades e os distintos movimentos pelos quais são construídas as subjetividades das

participantes desta pesquisa, principalmente em suas atuações em casas, bares e ruas do município.

Em o Corpo Utópico - as Heterotopias (2013), Foucault descreve as seguintes considerações a respeito das dissidências sexuais e do lugar de abjeção conferido a elas por grande parte da sociedade normatizadora:

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo (FOUCAULT, 2013, p. 10).

Este corpo negado, invisível e transposto para a condição de abjeção, conforme descreveu Foucault (2013), se apresenta em nossa pesquisa sob duas formas distintas: a primeira, permeada pelos preconceitos da população local e, diríamos ainda, de grande parte da sociedade em geral; e a segunda, a que mais chamou a nossa atenção, que revelou os estigmas sentidos e vividos pelas participantes dentro da própria prática da prostituição. Durante o processo de mapeamento dos locais visitados e das entrevistas realizadas, ficaram evidentes que as diferentes espacialidades da prostituição – casas, bares e ruas – não se apresentavam somente como espaços de alteridades na sociedade local, mas também como heterotopias que se formavam em oposição às demais espacialidades, tidas como ainda mais marginais na prostituição.

Esta compartimentalização das relações de sexo por dinheiro mostra-se associada às discussões sobre as sexualidades hegemônicas e dissidentes, assim refletidas em nosso campo de investigação. Além de a prostituição aparentar o feminino desconhecido, sedutor e diabólico, fatores importantes para a formação de heterotopias na sociedade, há também que mencionarmos o surgimento de outras heterotopias que se formam dentro deste mesmo espaço permeado por marginalidades e interdições. Dito de outra forma, além das sexualidades, os espaços ocupados/vividos por nossas participantes deixam transparecer importantes relações de poder, disputas e marginalidades entre elas, atribuindo-lhes maior valor, estigmas, privilégios e exclusões, ficando reservada uma temporalidade/espacialidade específica para mulheres prostitutas, tal como afirmaram Przybysz e Silva (2017).

Exemplos disso são as mulheres que atuavam na chamada prostituição de rua, também conhecida de *trottoir*, as quais passavam a enfrentar ainda mais preconceitos se comparadas às mulheres ligadas à prostituição em casas e bares do município. Mais do que um contraespaço, uma heterotopia estabelecida dentro de um espaço heterotópico – que é a prostituição, propriamente dita –, as relações de sexo por dinheiro abertas, que acontecem em ruas, asfaltos, pontos, esquinas e calçadas, se transformam em outras heterotopias, em contraespaços dentro de outro grande espaço permeado por invisibilidades e marginalidades. Estes aspectos foram observados tanto nas

cartografias dos locais que visitamos ao longo desta pesquisa, quanto nas passagens de falas de algumas de nossas entrevistadas: “Rua, não! Ficar em esquina eu acho o ‘ó’! Isso aí é fim de linha, fim de carreira! Mulher prostituta de esquina você pode matar e jogar fora! (SAFIRA, 49 anos. Entrevista realizada na residência da entrevistada, em 22 de agosto de 2014).

Em paralelo a esta narrativa, outra participante expressou a sua concepção sobre a prostituição de rua, afirmando que:

*Eu acho muito errado mulheres que fazem pontos em esquinas, postos. Porque eu nunca trabalhei assim, eu sempre procurei trabalhar em casas. Eu acho errado, assim como em muitas casas que eu conheci: rola droga, menor, pedófilo. Não tem segurança, porque prostituição de rua não tem segurança! Aqui, eu tenho uma segurança! Porque aqui dentro de casa, a dona é responsável pelo que acontece comigo. Se um cara vem me agredir, eu tenho uma testemunha. Inclusive, na parte de saúde: eu conheci uma menina da minha cidade que tem 28 anos, está com AIDS, onde ela pegou? Em ponto! Na esquina, você é mais vulnerável! (RUBI, 34 anos. Entrevista realizada em um bar da cidade, em 21 de junho de 2014).*

As heterotopias se associam àquilo que sobra e que é expulso dos demais espaços sociais. Assim, em ambos os trechos de fala das entrevistadas, podemos perceber compartimentalizações e hierarquizações das sexualidades, separando-as em duas categorias opostas: de um lado, as sexualidades mais toleráveis – como aquelas executadas em casas de prostituição do município – que, de certo modo, se aproximam das práticas sexuais domésticas, higienistas e heteronormativas compulsórias; e, de outro, as sexualidades tidas como devassas, perigosas, ameaçadoras e desregradas – em especial as realizadas em ruas e bares. Logo, ratificamos a ideia defendida por Przybysz e Silva (2017, p. 581), ao afirmarem que “[...] na prostituição aberta, a exposição dos corpos é maior e estas mulheres sofrem mais pelo estigma dado à atividade”.

No texto intitulado de ‘Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad’, Gayle Rubin (1989) problematiza a estratificação sexual presente nas sociedades modernas, descrita por meio de uma pirâmide erótica, onde, na base dela, estariam as castas sexuais mais desprezadas socialmente, como transexuais, travestis, bissexuais e trabalhadoras do sexo. No entanto, a autora tece suas discussões de forma restrita às questões das sexualidades, cabendo a nós expandi-las para as demais categorias/interseccionalidades (PRZYBYSZ e SILVA, 2017) que se apresentam enquanto importantes marcadores sociais de estigmas e de participação e/ou abjeção das pessoas na sociedade.

Quando falamos em heterotopias da prostituição, estamos nos referindo aos contraespaços formados no âmbito das relações que envolvem o sexo em troca de dinheiro. Em nossa pesquisa, a prostituição aberta, isto é, as ruas seriam uma importante forma de manifestação das heterotopias em outro espaço heterotópico, que é a prostituição. Das 10 (dez) mulheres entrevistadas, apenas 02 (duas) atuavam na prostituição de rua da cidade. As demais participantes relataram não terem tido experiências específicas nesta prática, chegando,

algumas delas, a apresentarem preconceitos e aversão a ela, conforme ficou evidenciado nos relatos de fala de Safira (49) e Rubi (34).

Neste contraespaço, também denominado de prostituição de rua, aberta ou trottoir, presenciamos, em larga escala, a presença e a circulação explícita de travestis, usuárias de drogas tidas como ilícitas e um número acentuado de pessoas negras, dentre elas, Ametista (33) e Cristal (29). São nestes espaços heterotópicos das ruas que a prostituição passa a ser percebida como mais marginal ainda e permeada por maiores preconceitos e vulnerabilidades.

Nestes espaços absolutamente outros, como bem definiu Foucault (2013), encontramos mulheres que fogem das chamadas normativas de gêneros e raças/cores, bem como de padrões de comportamentos e de sexualidades esperados pela sociedade higienista, moralista e asséptica. Tais aspectos visam atribuir a estas mulheres um caráter inumano, que Butler (2006) entendeu como sendo àquelas pessoas que correm o maior risco de serem tratadas como menos humanas ou àquelas vidas que passam a não valerem a pena para grande parte da sociedade normatizadora. Logo, ratificamos a ideia de que é nas espacialidades das ruas que a prostituição e a possibilidade de se humanizar tornam-se ainda mais precárias e carregadas de estigmas, dificultando o acesso à cidadania e a conquista de direitos para muitas mulheres.

Tendo em vista que as heterotopias “[...] têm como regra do jogo justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p. 24) que podemos, precisamente, pensar a prostituição em termos de espaços de alteridades. Além das ruas, as casas e os bares se apresentam como importantes espaços heterotópicos na prostituição local. Ainda que a prostituição aberta ou em ruas seja a heterotopia por excelência no município pesquisado, cabe a nós salientarmos as condições específicas que demarcam estes outros espaços destinados às relações de sexo por dinheiro.

As casas aparentam serem lugares de maior controle externo e de status para as mulheres, uma vez que visam oferecer segurança (pessoas responsáveis por prestar este serviço) e certo grau de resguardo das identidades das garotas. A entrada e a saída das pessoas nestes locais também são mais restritas e o público frequentador é mais seletivo – geralmente, homens casados e de classe social mais elevada e que evitam sua exposição pela cidade. Ademais, elas se exibem de maneira espalhada por todo o município, abrangendo desde a área central até os bairros mais distantes. Denotam aparência mais enrustida, não evidenciando serem lugares voltados à prostituição. Muros elevados, grades altas e pouca circulação de pessoas em seus arredores estão entre as suas principais características.

Já os bares demonstram aspectos mais insalubres, estando concentrados, especialmente, no final do perímetro urbano, em uma das rodovias que liga o município ao seu distrito e na rua paralela à principal avenida, onde acontece a prostituição trottoir ou de rua. Ao contrário das casas, os bares concentram maior número de homens e movimentação externa de pessoas, aparentando ser não somente um espaço de lazer e distração do público masculino, como também de outras negociações, que vão desde a simples conversa até a busca por sexo pago. Todos estes aspectos nos remetem a pensar na ideia de

movimento de homens (clientes) e de mulheres na prostituição local.

Nos dados revelados pelas cartografias e falas das mulheres entrevistadas, percebemos múltiplas relações de poder que atravessavam as diferentes espacialidades da prostituição no município, denotando analogias entre espaço e poder contraditórios e invisíveis socialmente. Logo, as mulheres que se afastam da ideia de feminilidade hegemônica, mesmo dentro da prostituição – lugares que, apesar de romperem com algumas estruturas identitárias da feminilidade, continuam a manter certas formas de hierarquização em suas práticas –, passam a ser enquadradas em um plano ainda maior de não visibilidade e de abjeções.

Assim como fez Gayle Rubin (1989), ao descrever sobre as hierarquizações das sexualidades consideradas hegemônicas e dissidentes em formato de pirâmide erótica, onde, no topo dela, estariam pessoas em situações condizentes pela sociedade heteronormativa – casados, heterossexuais, monogâmicos e com filhos – e, na base dela, aquelas que escapavam destas normas estabelecidas – como travestis, trabalhadoras do sexo e bissexuais – na prostituição, este sistema de hierarquias também se apresenta muito evidente. Ser branca, heterossexual, não denotar desvios de comportamentos (usos de drogas, possíveis transtornos mentais ou neurológicos, etc.), ter aparência física mais marcante e esteticamente bela para ser desejada pelos homens e atuar em espaços de menores estigmas – como, por exemplo, as casas – conferem maior status para estas mulheres ou, melhor dizendo, menor carga semântica negativa na prostituição.

Estes aspectos se mostram visíveis nas histórias de Ametista (33), Esmeralda (30) e Cristal (29). Três mulheres negras, enfrentando, nesta sequência, situações de dependência do crack, do alcoolismo e visíveis problemas neurológicos. Duas dessas histórias foram vividas na prostituição aberta ou de rua e uma, em bares da cidade. Para Ametista, a prostituição estava associada à manutenção do vício da droga e a rua, ao lugar que mais lhe trazia infelicidades. Para Esmeralda, a prostituição se apresentava de maneira flutuante, isto é, não dependia dela para obter o sustento financeiro, apenas a utilizava como forma de revidar as agressões verbais e físicas que recebia da mãe durante a infância, fatores também evidenciados em Pérola Negra (25). Por fim, surgem as histórias de Cristal, que parecia se divertir na prostituição. Segundo ela, “se fosse para sair com homens para depois ficar difamada, seria melhor que a mulher saísse difamada e bem paga”.

Nas palavras de Przybysz e Silva (2017), as diferentes espacialidades da prostituição, “[...] têm implicações diferenciadas nas trabalhadoras do sexo, pois algumas escolhem a invisibilidade, outras a autonomia, enquanto algumas acreditam que não há como esconder, desenvolvendo estratégias diferenciadas” (2017, p. 580). Exemplo disso é a passagem de fala de Jade (24), quando se denominava “garota de programa”, momento em que realizava apenas programas nos arredores de seu bairro, tendo como fim o dinheiro para o consumo da droga. Quando começou a trabalhar em uma das boates, também conhecida como a casa de maior status de prostituição da cidade, Jade buscou sair do plano do anonimato na prostituição, mudando, também, suas finalidades financeiras, e passando, a partir deste momento, a assumir outra denominação no trabalho da noite, a de “prostituta”. Entendemos que entre as

variações das denominações “garota de programa” e “prostituta”, proferidas por Jade, também perpassam diferentes movimentos e espacialidades na prostituição e suas consequentes compartimentalizações e hierarquizações, conforme ela mesma salientou:

*Quando eu era garota de programa, eu ia lá fazer o meu programa e acabou. Como prostituta, não. Descobri toda uma coisa, que para eu ser uma prostituta, eu teria que ser diferente, não poderia chegar de qualquer jeito para o cliente, tinha que me arrumar, colocar roupas mais chamativas, né! Fazer meu cabelo, me arrumar mais. Mas, isso acontece mais com quem trabalha em boate, porque quando eu ia na casa dos clientes, ia de rasteirinha e, lá na boate, tenho que ir diferente, porque é cobrado isso. O próprio dono cobra de você: Olha, você tem que vir mais arrumada! Porque eles sabem que se a mulher for mais arrumada, vai dar mais lucro pra eles! (JADE, 24 anos. Entrevista realizada em uma das localidades da Estratégia de Saúde da Família do Município – ESF, em 23 de setembro de 2014).*

Estas configurações e espacialidades da prostituição se mostram flutuantes e instáveis, possibilitando à passagem/transição de um espaço a outro, com as práticas psicossociais e os movimentos delas decorrentes. Assim, participar das relações que envolvem o sexo pago em lugares um pouco mais requintados, implica, como expressou Jade e tantas outras mulheres que entrevistamos, em mudanças de comportamentos – como o uso de diferentes vestimentas, maquiagens e perfumes – que denotam formas de poder e hierarquias na prostituição, além de certa mercantilização do corpo e da vida. São formas de pertencimento a um determinado grupo social e, conseqüentemente, de (re)produção de comportamentos e práticas definidas por este próprio grupo, ou ainda, de agenciadores deste coletivo.

Nestas diferentes espacialidades da prostituição, representadas por bares, casas e ruas, nos deparamos com diferentes histórias de vida, não demarcando um modelo identitário de feminilidade, mas pontos de divergências e convergências, heterogeneidades e pluralidades, que nos possibilitaram pensar em diferentes modos de vidas e de subjetivação na prostituição, ainda hoje, pouco problematizados pelos estudos em Psicologia, particularmente em pequenos centros urbanos e interioranos do Estado de Mato Grosso do Sul - MS.

### **Considerações Finais**

Os resultados obtidos em nossas incursões literária e de campo apontaram números consideráveis de debates voltados à prostituição de brasileiras em mercados transnacionais do sexo, em cidades metropolitanas e em instâncias turísticas do Brasil, mas também evidenciaram, para a nossa surpresa, forte descaso e/ou negligência de grande parte dos/as pesquisadores/as em Psicologia de que este fenômeno mantém seus traços – aliás, muito peculiares – em municípios interioranos e em pequenos centros urbanos do país, reiterando a importância e, principalmente o impacto acadêmico e social desta

pesquisa.

Constatamos, a partir deste estudo, que a prostituição se apresenta como uma grande heterotopia – que isola socialmente, e que depois acolhe em outros espaços, a saber: bares, casas e ruas – muitas mulheres que voltam seus corpos às relações de sexo por dinheiro. A heterotopia, segundo bem afirmou Foucault (2013), se refere a um contraespaço que acolhe a pessoa desviante da norma. Na prostituição, a heterotopia funciona como uma “espécie de bolha social”, que abriga as chamadas sexualidades desregradas e escusas, permitindo a formação de outras heterotopias dentro de um grande espaço heterotópico – que é a prostituição, propriamente dita.

A prostituição aberta, *trattoir* ou de rua é um exemplo claro de um contraespaço, por excelência, e as casas, os lugares que garantem menor carga semântica negativa às mulheres na prostituição. Em suma, até mesmo nas relações que envolvem o sexo pelo dinheiro, encontramos, explicitamente, hierarquias e juízos de valor entre as mulheres que se prostituem, assim descrito na pirâmide erótica e no sistema sexo-gênero de Gayle Rubin (1989).

Por fim, longe de esgotarmos os debates sobre a prostituição feminina adulta e os dilemas envolvendo vidas abjetas, esperamos que as vozes de mulheres que escapam de quaisquer tipos de normas culturais, políticas e psicossociais possam ser ouvidas em suas singularidades e longe de determinismos e/ou generalizações. Reiteramos, mais uma vez, a importância desta pesquisa para os estudos em Psicologia, seja especificamente para o Estado de Mato Grosso do Sul, seja para o Brasil, enquanto país de múltiplas descontinuidades e variações do humano.

### Referências

BARBOSA, Romilda Meire de Souza. **Garota de programa: acontecimento discursivo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Linguísticos, UFMS, Três Lagoas – MS.

BUTLER, Judith. **Vida precária: el poder de duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. ‘A vida dos homens infames’. In: MOTTA, M. B. da (Org.). **Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 203 - 222.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos III: estética: literatura, pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico – As heterotopias**. São Paulo:

Luciana Codognoto da Silva, José Sterza Justo, William Siqueira Peres

Edições, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Nota 1: **Estimativas da população residente no Município de Mato Grosso do Sul, com data de referência 1º de julho de 2014**. Brasília: Publicado no Diário Oficial da União em 28 agos. 2014. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_dou.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm)>. Acesso em 3 fevereiro de 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PRECIADO, Beatriz. **TESTO Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Espacialidades e interseccionalidades na vivência de mulheres prostitutas mães na cidade de Ponta Grossa-PR. **Geusp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 570 - 585, 2017.

RAGO, Margareth. Inventar outros espaços. Palestra proferida no **X Seminário Internacional Tempo Livre na Cidade**. Publicada entre os dias 23 e 27 mar. 2015. SESC/SP. Disponível em: <<http://escoladacidade.org/bau/margareth-rago-inventar-outros-espacos/>>. Acesso em 20 de junho de 2015.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166 - 173, 2009.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, C. (Org.). **Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina**. Madrid: Revolución Madrid, 1989, p. 113 - 190.

SANCHES, Silvana Colombelli Parra. **Envelhecimento e saúde das profissionais do sexo em Mato Grosso do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Saúde Coletiva, UFMS, Campo Grande - MS.

SILVA, Rosana Neves da. **A invenção da psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.



**Psicologia e Heterotopias: Um Estudo Sobre a Prostituição de Mulheres**

**Adultas em um Município do Interior do Estado de Mato Grosso do Sul – MS**

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 454 - 463, 2011.

**Recebido em 07 de outubro de 2017.**

**Aceito em 03 de abril de 2018.**

**Luciana Codognoto da Silva, José Sterza Justo, Wiliam Siqueira Peres**

87